

A cartografia de al-Idrisi na análise da interculturalidade islâmico-normanda na Sicília medieval (séc. XII)

Celia Daniele Moreira de Souza
PPGHIS-UFRJ
celia.daniele@yahoo.com.br

Enviado em: 15/12/2015

Aceito em: 03/03/2016

Resumo:

A presença muçulmana na Europa e seu contato com os povos germânicos geralmente é compreendida na sua experiência na Península Ibérica, pelo legado visigodo e o de Al-Andalus. Entretanto, outras experiências foram válidas para se pensar, não apenas a coexistência de elementos diversos em uma dada sociedade e território, mas na confluência e apropriação de elementos identitários de distintas culturas e religiosidades, a saber, a islâmica e a cristã, estas expressas no exemplo da Sicília Medieval do séc. XII sob domínio normando.

Este artigo propõe-se a analisar como o trabalho do estudioso Al-Idrisi pode ser visto como um exemplo de diálogo dessas duas culturas, e também como o contexto em que mesmo se insere sugere um abarcamento, ao invés de uma sublimação, dos valores e ideais da cultura islâmica no reino de Rogério II.

Palavras-chave: Al-Idrisi, Islã, Sicília Normanda Medieval

Abstract:

The Muslim presence in Europe and its contact with the Germanic people is generally understood in its experience in Iberia, through Visigoth and Al-Andalus legacies. However, other experiments are valid to think, not only the coexistence of different elements in a given society and territory, but at the confluence and appropriation of identity elements of different cultures and religiousness, namely, the Islamic and the Christian, these expressed in example in the twelve century in Medieval Sicily under Norman rule.

This article aims to analyze how the work of scholar al-Idrisi can be seen as an example of these two cultures dialogue, as well as the context in which he is inserted suggests entrainment, rather than a sublimation, of values and ideals of Islamic culture in the reign of Roger II.

Keywords: Al-Idrisi, Islam, Norman Medieval Sicily

I. Introdução

Este artigo apresenta uma discussão inicial sobre a presença islâmica na Sicília Normanda Medieval, pensando em como uma sociedade herdeira da antiga tradição greco-bizantina e de uma recente ocupação berbere islâmica, pode combinar seu passado com os elementos culturais dos conquistadores cristãos normandos e estabelecer uma realidade pluralizada. Tal paradigma, ao mesmo tempo em que incluía os mais diferentes grupos sociais e religiosos sob uma unidade política e territorial, demonstrava tensões e inseguranças de legitimidade entre os mesmos.

Para o tema abordado, utilizamos como guia deste contexto turbulento o estudioso medieval Abu ‘Abdallah Muhammad Ibn Muhammad ibn Idrisi (1100-1165), conhecido como as-Sharif al-Idrisi¹ ou pelo nome latinizado Dreses. Como muitos homens de sua época, o mesmo não se dedicou a apenas uma atividade, deixando trabalhos nas áreas de Geografia, Botânica e Cartografia, e tendo tido um papel importante na corte do rei normando Rogério II (1097-1154) na Sicília. Sobre a vida deste estudioso, o mesmo nascera em Ceuta, sob o domínio da Dinastia Almorávida, e era descendente dos hamúidas, da *Banu ‘Amir*, tribo que reclamava para a si o título califal em Al-Andalus. Al-Idrisi cresceu dentro da dinâmica almorávida, tendo estudado em Córdoba e viajado por toda a extensão dos seus domínios, ainda conhecendo regiões cristãs europeias, no entanto, devido a sua ascendência insurreta, sua pessoa estava sob constante ameaça dos reis almorávidas. Por tanto, ao menos o que nos diz os documentos sobreviventes, em 1138, Rogério II o convidaria para sua corte com o argumento de protegê-lo das perseguições políticas no mundo islâmico, o que viria a fazer em 1145 e que geraria implicações e suposições das mais diversas. Alguns estudiosos contemporâneos consideram que a entrada de Al-Idrisi para a corte normanda siciliana não só exemplificaria o contexto cultural sincrético bizantino, normando e islâmico, mas, sobretudo visava, por meio do trabalho do ceutense, elaborar um projeto de conquista e submissão do Norte da África e de Al-Andalus (BRENTJES, 2004: 261).

De fato, Rogério II expandiria seu reinado para o Norte da África, de Trípoli a Túnis em 1148, e ainda que estas regiões nunca fossem efetivamente assimiladas como parte do reino, tal conquista refletiu os ideais conquistadores do rei. Apesar de não ser claro se o trabalho de Al-Idrisi atendeu diretamente a esse projeto expansionista, sua posição em sua corte foi certamente importante, maiormente pelo desenvolvimento

cartográfico que empreendeu sob o patronato do rei normando. Rogério II solicitou a Al-Idrisi um mapa que representasse todo o mundo conhecido de então, o qual não seria completo só por meio de representações gráficas, mas com descrições minuciosas das regiões representadas, da cultura, da economia, dos habitantes, das distâncias e dos reinos (PINTO, 2006: 140).² Esse trabalho é formidável não apenas pela complexidade do mesmo – Al-Idrisi levaria quinze anos para concluí-lo – mas por sua própria natureza sincrética, visto que nos mapas temos a combinação de elementos cartográficos tomados das diferentes civilizações presentes na Sicília (AL-IDRISI, s/d: s/p),³ e também dele apreendemos elementos de representação do mundo e de relações entre povos e culturas cristãs e muçulmanas, que classicamente são tomadas como antagônicas, mas que estabeleceram um diálogo rico em ambientações e expressões. Tal obra se chamaria *Nuzhat al-Mushtaq fi ihtiraq al-Afaq (O Prazer Daquele Que Deseja Atravessar As Regiões Do Mundo)*, no mundo ocidental sendo conhecida como a tábula rogeriana, tendo sido concluída em 1154, e inédita por combinar tradições cartográficas abássidas – especialmente de trabalhos de tradutores, matemáticos, astrônomos e filósofos da corte do califa Al-Ma'mun, de inspiração grega – com trabalhos de filósofos, geógrafos, administradores e viajantes da Síria e da Pérsia, isto é, conceitos e ferramentas desenvolvidas pelos sassânidas, aperfeiçoando a cartografia não só persa-árabe, mas inspirando imprescindivelmente a cartografia italiana, germânica e francesa modernas (BRENTJES, 2004: 261).

Ainda assim, o trabalho de Al-Idrisi não estaria livre de desaprovações. O mesmo seria muito criticado por sua falta de domínio matemático e da física, e por ignorar a contribuição de outros estudiosos de sua época, como Al-Biruni, além de tomar como absolutas as fontes árabes e gregas para compor seu trabalho (JWAIDER, 2015: s/p). Apesar disso, seu trabalho é notório, não só pela extensão e pretensão audaciosas, mas pela contribuição de conhecimentos até hoje consideráveis, como a descrição do rio Nilo, que mesmo não tão acurada, traria informações importantes que só seriam atestadas sete séculos depois (GEARON, 2011: 67).

Assim, pela conjuntura e pela riqueza de seu trabalho, Al-Idrisi representa não apenas um marco para a geografia medieval, como também um elemento que revela uma diversificada sociedade na Sicília Normanda Medieval, a que ele pertenceu por vinte anos como um dos personagens mais próximos aos governantes. Pensar num muçulmano como

amigo íntimo de um governante normando cristão, sendo que esta hegemonia suplantou exatamente a sociedade islâmica presente anteriormente, demonstra que o equilíbrio de forças nesta sociedade se dava de uma maneira extremamente complexa.

II. O legado islâmico na Sicília Normanda Medieval

A Sicília pertenceu ao Império Romano, entretanto, da antiguidade tardia à idade média, ela foi sucessivamente conquistada por diversos povos, dentre eles de origem germânica, os vândalos (440-493) e os ostrogodos (493-555), estes últimos estabelecendo definitivamente no local, com a queda do Império Romano do Ocidente. No entanto, mais elementos culturais seriam adicionados à região com a conquista do Império Bizantino em 535, esta permanecendo até o séc. XI.

Os muçulmanos chegariam posteriormente, em sua maioria de origem berbere, porém liderados por árabes e persas, no séc. IX, fundando o Emirado da Sicília. O território desta ilha permaneceria dividido entre forças opostas ideológica e religiosamente por 260 anos, isto é, uma parte pertencente ao Império Bizantino e outra aos dominadores árabes, quando os normandos assumiriam a frente de batalha, após apoiar os bizantinos na reconquista da região, e em 1091, após 30 anos de guerras, consolidariam o domínio normando em toda a ilha e em partes da região sul da Península Itálica (NEF, 2013: 49).

A união das forças normandas, que em duras batalhas, obteve a unificação do território, causou a inadequação da população muçulmana que já vivia assentada na região e anteriormente era legitimada por uma autoridade local, a qual constituía desde o séc. X uma das principais regiões da *dar al-islam*^a (NEF, 2013: 39). A conquista de parte da Sicília pelos muçulmanos nunca teve um caráter hegemônico nos mais de duzentos anos de sua existência, visto que, ainda que seus conquistadores se identificassem com a religiosidade islâmica, os mesmos provinham de distintos grupos étnicos e políticos, primeiramente os aglábidas, dinastia berbere da Ifriqiya, e posteriormente os fatímidas, dinastia xiita da África do Norte que conquistaria os aglábidas em 909 e assim herdaria a Sicília. Dentro da própria liderança fatímida siciliana, grupos disputavam o poder, ainda que predominantemente uma dinastia, a calbida, tenha permanecido no poder, a mesma se via constantemente envolta em tensões e embates internos – alguns grupos até mesmo

se aliando a bizantinos para atacar uns aos outros – o que enfraqueceria sua legitimidade política e abriria brechas para o avanço e a conquista normanda (PEZZINI, 2013: 195).

A fragmentação política resultante de tantos anos em guerra permitira que regiões sob o domínio islâmico forjassem autoridades das mais diversas, como pequenos emirados autônomos dentro do Emirado da Sicília, algo que ao fim da guerra foi aproveitado pelos conquistadores normandos para a submissão dessas regiões por meio de alianças interconfessionais. A aceitação do poderio normando por meio de alianças fora um fator importante para a permanência islâmica na Sicília, ainda que de maneira tensa, pois seu conquistador, o Conde Rogério I, era constantemente assediado pelo Papa Gregório a promover a cristianização da região, acusando as suas cidades de serem “hostis a Deus” (METCALFE, 2013: 32). Certamente, a conversão foi, de fato, uma opção, especialmente para a elite muçulmana, para manter os privilégios sociais na nova conjuntura e também para a obtenção de vantagens pessoais, como o ganho de terras. Além disso, é possível verificar a partir do séc. XII a germanização ou latinização de nomes árabes, estes mesmo oriundos da linhagem hamúdida, algo que atestaria a conversão de grupos importantes na sociedade islâmica, no entanto tais condutas não sugerem que havia necessariamente uma política de conversão no início do domínio normando, até porque a manutenção de elementos identitários islâmicos era uma forma de barganha para a realização de alianças, uma vez que, segundo o historiador Alexander Metcalfe, os conquistadores consideraram benéfica a presença da lei islâmica para a promoção de seus interesses na região, sendo os muçulmanos tidos como mais fiéis aos acordos e relações estabelecidos (METCALFE, 2013: 33-34).

Porém, foi com o advento do reinado sob a figura de Rogério II que as comunidades muçulmanas tiveram de fato destaque na conjuntura sociocultural siciliana. Desde a efetiva conquista em 1091, a Sicília estava dividida em condados, sob Rogério II em 1131 forma-se o reino normando da Sicília, centralizando o poder na região e iniciando um período de apogeu econômico e cultural. A sua corte ficaria conhecida por conter pessoas de várias etnias e religiões, como foi o caso de Al-Idrisi, estimulando a fecunda arte e cultura árabe-normanda-bizantina (KLIEGER, 2012: 111). Esta arte, por sinal, é um dos legados mais emblemáticos da fusão das culturas existentes na Sicília

Medieval, formando um estilo arquitetônico único até hoje presente na Sicília e em Malta, como vemos na Capela Palatina, construída em 1080:



Figura 1 - Capela Palatina de Palermo

Esta capela fora erigida sob um antigo templo cristão a pedido do rei Rogério II em 1032, e apresenta aspectos do sincretismo dos elementos bizantinos, árabes e normandos. Como comenta a historiadora Rosa Di Liberto, esta capela exprime uma inflexão particular de linguagens artísticas, notadamente pela variedade étnica dos trabalhadores que a erigiram; sua arquitetura reflete a cultura a qual se insere e seus elementos simbólicos, até mesmo nas capelas privadas, evocam o poder de Rogério II. Dedicada a São Pedro, a capela seria a representação do manifesto político da corte rogeriana: a singularidade de sua estrutura arquitetônica reside na inserção de uma basílica latina sobre um grande santuário de origem bizantina, cujo plano central é realçado por uma cúpula hemisférica de característica normanda (DI LIBERTO, 2013: 141-144). Além disso, a composição da capela faz uma referência explícita à tradição bizantina, perceptível na estrutura e na ênfase decorativa do presbitério, sendo contrabalanceada tanto pelo componente islâmico, evidente tanto na composição global como nos temas corriqueiros que conferem vida ao teto de madeira pintado que cobre o

vão central; como pelo elemento latino, notável no corpo basilical da igreja (DI LIBERTO, 2013: 145).

Esse sincretismo pujante na arquitetura se fará presente em elementos identitários também, como podemos ver no epíteto da tumba de uma mulher nobre escrito em quatro idiomas, árabe, grego, hebreu e latim:



Figura 2 - Epitáfio de mulher nobre de Palermo de 1148

Vemos na imagem acima, um texto escrito em hebreu na parte de cima, árabe embaixo, grego à direita e latim à esquerda. A mensagem informa que jaz “Anna, mãe de Grisandus”, e nas passagens em árabe e em hebreu informa-se também que a mulher se trata de uma sacerdotisa real. No meio há uma cruz com a frase em grego “Jesus Cristo conquista”, denotando que a mulher era cristã. Nas passagens em árabe, ainda há a informação que o rei Rogério II é “apoiador do papa” (“o imame de Roma”) e “ajudante da religião cristã”; enquanto em hebreu, Maria é lembrada como “mãe do Messias”. Segundo o historiador Hubert Houben, estas passagens seriam direcionadas a muçulmanos e judeus convertidos ao cristianismo, assim como também aos moçárabes, cristãos que usavam o árabe como uma língua vernacular e litúrgica (HOUBEN, 2002: 109). Nota-se nesta imagem o sincretismo na sociedade normanda siciliana, a qual

abarcava elementos exteriores como parte de sua identidade local e, neste caso, os mesmos também se associavam a uma cultura de nobreza (ABULAFIA, 1988: 48).

De fato, não podemos afirmar que os muçulmanos sob o reinado de Rogério II não enfrentaram quaisquer atribulações devido a sua religião e/ou origem étnica na Sicília. Sabidamente, as regiões habitadas pelos muçulmanos foram gradualmente ocupadas por cristãos latinos, evasão ocasionada principalmente por meio de deportações de sublevadores islâmicos, mas também por emigrações, processo esse iniciado em meados do séc. XI, e que tomaria um vulto maior e efetivo no séc. XIII sob o reinado de Frederico II, rei normando que associaria a “europeização” da Sicília como um projeto ideológico a favor dos interesses papais (ABULAFIA, 1988: 12-13). O geógrafo andaluzino Ibn Jubayr descreve em 1185, trinta anos após a morte de Rogério II, uma sociedade siciliana muçulmana que tanto sofre quanto prospera sob a administração cristã, relatando abusos no pagamento de impostos confessionais e a pressão pela conversão ao cristianismo (DAVIS-SECORD, 2007: 62). Tal situação, vivenciada no reinado de Guilherme II (1166-1189), pode representar o desprestígio contínuo que acometeu a população muçulmana siciliana até sua definitiva expulsão por Frederico II no séc. XIII; porém os registros sobreviventes do reinado de Rogério II o puseram na história como um rei que buscou promover a união entre grupos confessionais distintos, estimulando não apenas a convivência, como também a troca de símbolos identitários, como a língua, a arte e a fé (METCALFE, 2009: 118).

Após o fim do reinado de Rogério II, gradativamente o incremento e a valorização do viés cristão da sociedade suplantariam a contribuição islâmica. Haveria a evidente ruptura definitiva desta visão arraigadora no reinado de Frederico II (1197-1250) o qual sim empreendeu uma política de limpeza étnico-religiosa contra judeus e muçulmanos (ABULAFIA, 1988: 209), no entanto, o legado islâmico, sobretudo na ciência e filosofia, permaneceria na Sicília Medieval, e até mesmo se dispersaria para outras regiões. Um dos exemplos da influência que essa cultura islâmica miscigenada teve na produção do conhecimento europeu é o trabalho de as-Sharif Al-Idrisi.

III. O reflexo de uma sociedade pluricultural na representação de Al-Idrisi

Como comentamos previamente, Al-Idrisi adentrou a corte de Rogério II por meio de um convite, que viria a ajudá-lo politicamente – em virtude de sua origem califal – e também contribuir para o projeto científico e cultural desenvolvido na corte rogeriana.

Foram mais de 20 anos de aliança entre Al-Idrisi e a corte siciliana normanda, o ceutense viria ainda a servir ao filho de Rogério II, Guilherme I. A adaptação de Al-Idrisi a essa realidade foi nítida pela promoção e acolhimento que encontramos em seu maior trabalho, a tábula rogeriana; a mesma já teria sua primeira tradução para o latim publicada em 1592 pela família Médici e depois, uma tradução mais completa em 1836, fruto do movimento orientalista em voga. O autor ainda seria conhecido por seus trabalhos concernentes à medicina, como encontramos no códice *Kitāb al-Adwiya al-Mufradah* (*Livro das Drogas Simples*) em que lista medicamentos em doze línguas, evidenciando um vasto conhecimento linguístico (JWAIDEH, 2015: s/p).

Destarte, ainda que outros trabalhos do autor demonstrem sua erudição, é por meio da *Nuzhat* que encontramos a sociedade a qual Al-Idrisi se insere. Mas não é só a sociedade normanda siciliana que o autor apresenta, e tampouco podemos aferir que é a sociedade medieval do mundo conhecido de então que ele retrata; mas de seus relatos, apreendemos a sua visão, sua representação de mundo a partir do lugar de onde fala, como estudioso nobre, de origem árabe e um muçulmano acolhido numa corte germânica.

O códice sobrevivente da obra original combina, como já falado, representações de mundo oriundas de diversas culturas: árabe, persa, bizantina, germânica, e contribuem significativamente para uma mudança de paradigma da ciência cartográfica de então. O patrocínio de Rogério II já vinha emaranhado de uma dinâmica de ecletismo que estabelecia uma vida cultural fundamentada em três idiomas com igual importância: o grego, o latim e o árabe, os quais eram usados no ensino, este podendo ser ministrado por estudiosos judeus, cristãos e muçulmanos (ABULAFIA, 1988: 48).

Ainda que não fosse nativo da Sicília, Al-Idrisi estabeleceu-se como o maior representante desta política abarcadora de Rogério II e, de fato, é sua atuação na cartografia que trará a ele tal reconhecimento. Conforme comentamos, a *Nuzhat* baseou-se numa mistura de contos de viajantes normandos, livros perso-árabes de geografia e da experiência pessoal do autor, e segundo o historiador David Abulafia, Al-Idrisi expôs a Sicília e o Norte da África detalhadamente, mas quando o trabalho aborda o Norte, se torna vago, e quando narra sobre a Índia e a China, toma ares fantasiosos (ABULAFIA,

1988: 49). Essa visão excêntrica do Oriente Extremo não é surpreendente, entretanto a sua falta de aprofundamento para o norte europeu soa estranha justamente pela corte a qual pertence ser, majoritariamente, oriunda de lá. Cabe nesse sentido, aludir novamente à Abulafia, que argumenta que o próprio Al-Idrisi desconsiderou o testemunho latino assim como obras latinas de geografia para compor sua obra, e também que o autor ceutense não via uma conexão intelectual entre as culturas cristãs e islâmicas (ABULAFIA, 1988: 49-50). Consideramos esse argumento problemático, uma vez que parte substancial da fundamentação de Al-Idrisi advém dos relatos normandos, que são de tradição cristã e se inserem na dinâmica latina outrora representada pelo Império Romano do Ocidente. Talvez não houvesse erudição de Al-Idrisi dos trabalhos desenvolvidos por latinos ou mesmo de alguns persas, como Al-Biruni que ele também ignora, mas a ausência da citação destes autores não corresponderia a um julgamento de insignificância de seu valor visto o protagonismo que o autor ceutense dá às falas destes povos, justamente quando se refere a regiões as quais ele não conhece (MALLETTE, 2005: 147).

Ao compor a *Nuzhat*, Al-Idrisi dividiria, ineditamente, o mundo em setenta partes: seriam feitas sete linhas latitudinais separando as regiões por zonas climáticas e dez linhas longitudinais, de leste a oeste, todas de mesma largura. Cada quadrante resultante da divisão, no caso setenta, era apresentado por um mapa ilustrativo e uma descrição de itinerário, como um guia de viagem (TOLMACHEVA, 2006: 286). Nas descrições, Al-Idrisi aproveitava para incluir suas impressões do local, variando aí a densidade da descrição conforme a experiência vivenciada do autor e a qualidade dos relatos obtidos.

Notadamente, a obra cartográfica de Al-Idrisi serve também como elegia do reinado de Rogério II: ao rei é dedicada a obra, assim como é informado que método de coleta das informações dispostas no livro é de autoria do rei (MALLETTE, 2005: 146); Al-Idrisi descreve-o de forma adulatoria, como um governante erudito e profundamente conectado à cultura científica árabe-muçulmana (HOUBEN, 2002: 104). Há fontes latinas que atestam a valorização do saber dito “científico” pelo rei normando, assim como relatos de uma infância em Palermo, que estaria imersa na cultura árabe-siciliana, o que geraria boatos de que o rei tinha intenções de se converter ao Islã, o que em realidade nunca fez (HOUBEN, 2002: 106). Inegavelmente, a Sicília narrada por Al-Idrisi, ainda que romantizada, demonstra a sua inserção social na corte de Palermo.

Certamente o retrato que Al-Idrisi fez da sociedade siciliana é bem positivo. Ele descreve a ilha como exuberante, abundantemente produtiva, bem irrigada, mas não nos traz uma descrição etnográfica, como fizera, por exemplo, Ibn Haucal, um geógrafo muçulmano que descreveu a Sicília em meados por séc. X e fora extremamente crítico à população e à economia locais (DAVIS-SECORD, 2007: 59-60). Quase duzentos depois das observações de Ibn Haucal, o trabalho de Al-Idrisi apresenta uma conjuntura aparentemente contrária, o mesmo chama a Sicília de “pérola de seu tempo” por sua magnanimidade, população e beleza, além de lhe conferir reconhecimento por sua “grande história” e por ser ponto de encontro de vários viajantes e comerciantes de todo o mundo. Demonstrando sua familiaridade com o local, Al-Idrisi vai além das descrições existentes de outros geógrafos árabes sobre a Sicília ao incluir em seu trabalho todas as cidades da ilha, desde as pequenas até as maiores: ele perpassa o norte, de Palermo a Messina, desce a leste descrevendo Catânia e Siracusa, a sudeste de Ragusa, Agrigento a Mazara, sobe a oeste para Trapani, indo então para o interior descrevendo Castrogiovanni (atual Enna). Dentre as descrições destas maiores cidades, ele descreve as pequenas próximas a elas, informando sobre todas, sem exceção, quanto suas fortificações, tamanho, afabilidades e a distância entre elas (DAVIS-SECORD, 2007: 61).

Sobre Palermo, Al-Idrisi menciona que a cidade combina o antigo e o novo em sua arquitetura, ornada com jardins e orquidários, o que seria comum em toda a ilha. Ele ainda divide a capital em duas partes, a cidadela (*qasr*) e uma parte afastada chamada *khalisa*: a cidadela continha muitos palácios, igrejas, mesquitas, estaleiros, banhos, mercados, sendo o coração intelectual da capital; já *khalisa* era onde estava o porto, o arsenal e a frota naval (DAVIS-SECORD, 2007: 62). Em sua descrição, a Sicília se sobressai como que um paraíso terrestre, sob um governante culto e justo, uma região rica em todos os aspectos, econômicos, culturais, naturais, o que demonstram, mais do que uma dada realidade, o reflexo do patrocínio de Rogério II no trabalho de Al-Idrisi.

Inquestionavelmente, Palermo se tornou uma cidade cosmopolita sob o reinado de Rogério II. Nas palavras de Al-Idrisi, ela era “uma cidade que seduz”, e nas palavras de outros viajantes também há assombro pela cultura urbana da cidade, cultura esta que era associada diretamente às capitais islâmicas no mundo medieval. Interessante notar que as palavras que Al-Idrisi usa para descrever Palermo servem apenas para descrever uma cidade islâmica, elas efetivamente seguem um *topoi* específico recorrente na literatura

geográfica em língua árabe, evidenciando, dessa forma, como a cidade, não só abarcava, mas se configurava em uma representante do mundo islâmico medieval (PEZZINI, 2013: 211).

Nas outras regiões descritas por Al-Idrisi, ainda que o ambiente híbrido siciliano não se faça presente, é interessante também enxergar a sua visão de mundo pluralizada por combinar elementos estrangeiros a sua narrativa. Na descrição da França, o arabista Charles Pellat considera que as informações obtidas vieram de informantes normandos em virtude das palavras escolhidas por Al-Idrisi e por, contrariando a teoria de Abulafia, possuir uma descrição extremamente rica, abordando toponímias e as condições dos portos bretões (DUCÈNE, 2014: 186). O filólogo Jean-Charles Ducène considera impressionante como Al-Idrisi, a partir das informações coletadas, não somente as descreve textualmente como as retrata no mapa, trabalho que merece elogios quanto aos rios desenhados de regiões que o autor não conhecia, pois são muito proximamente retratados, como os da Europa Central, e estes foram desenhados graças aos relatos de viajantes húngaros, germanos e eslavos (DUCÈNE, 2014: 187).

Os rios, por sinal, são elementos importantes na cartografia de Al-Idrisi: o mesmo vai julgar a disposição das cidades de acordo com os rios e a presença destes como condição para a existência das cidades. Um exemplo disso é quanto a localização da capital do Império do Gana na África, *Bilad As-Sudan*. Al-Idrisi a colocou ao lado de um grande rio, que ele chamou de “Nilo ocidental”, pois para ele seria mais lógico que a cidade estivesse próxima a uma fonte de água em virtude de a região ser desértica. No entanto, posteriormente Ibn Battuta descobriria que a região era de savana, não um deserto, e ele ainda questionaria informações importantes dadas por Al-Idrisi, como a direção de deságue do rio que circundava a cidade. A questão curiosa aqui é que o geógrafo ceutense, assim como os geógrafos árabes que o seguiram, na verdade havia condensado vários rios em um só: não havia um “Nilo ocidental”, e sim rios importantes, o Senegal, Níger, Shari, Bahr Al-Arab e Bahr Al-Ghazal, que cortavam a região, mas que não se confluíam. Ainda que a informação sobre o rio único estivesse equivocada, a disposição da capital *Bilad As-Sudan* por Al-Idrisi ao lado de um grande rio – ao contrário de um geógrafo andalusino anterior, Al-Bakri (1014-1094) que afirmava que a capital se encontrava longe de qualquer rio e que a população obtinha água de poços – não sugere um erro do autor ceutense, mas a realocação da cidade após o avanço

almorávida na região (LEVTZION, 2000: 73-74). Assim, apesar do conhecimento pessoal que Al-Idrisi possuía do Norte da África, de Al-Andalus e da Sicília, suas descrições foram muito dependentes dos relatos os quais levantou, o que novamente impressiona pela exposição cartográfica tão refinada que o mesmo conseguiu fazer em sua época.

A respeito da representação cartográfica do mundo, temos como exemplo o mapa-múndi do códice reconstruído pelo historiador Konrad Miller na figura 3. No mapa, podemos ter uma ideia da visão de mundo de Al-Idrisi e, por conseguinte, de Rogério II. Como podemos ver, ao contrário do nosso referencial atual, o mapa de Al-Idrisi está como que “espelhado”, e considera a África estando acima e a Eurásia abaixo. Do continente africano, apenas o norte está desenhado e curiosamente, a Península Arábica, berço do Islã, está no meio do mapa. Vemos desenhados os rios, lagos, montanhas de cada região, assim como também as cidades marcadas por um círculo. Segundo Ducène, as cidades europeias estão dispostas de maneira mais preocupada com a simetria e a harmonia dos princípios iconográficos do que em relação às suas distâncias reais (DUCÈNE, 2014: 187). Entretanto, certas incoerências são justificáveis ao se considerar que o autor teve o trabalho de converter o comum referencial de distância da época, os “dias de viagem”, em milhas árabes⁵ para medir tais espaços (DUCÈNE, 2014: 188).



Figura 3 - Cópia moderna do mapa de *Nuzhat*, reconstrução feita pelo cartógrafo alemão Konrad Miller em 1927

IV. Conclusão

Ao analisar o legado da obra de Al-Idrisi e compará-lo ao seu contexto de produção, verificamos a densidade de seu trabalho e o importante papel que o mesmo teve numa história que englobava irrestritamente o mundo cristão e o mundo árabe medievais. Sem dúvida, a historiografia sabe que tais complexos religioso-culturais não estavam isolados e trocavam elementos identitários entre si, estabelecendo relações das mais diversas; entretanto, a riqueza do trabalho de Al-Idrisi, que se situa exatamente na interseção destes dois mundos, dialogando e representando-os, vai além das discussões sobre contatos e se assenta na problematização da identidade e do próprio uso da religião como elemento delimitador e de exclusão.

Por meio da vida e da obra de Al-Idrisi, verificamos que seu discurso extrapolou os limites linguísticos, culturais, religiosos e políticos. Sua obra em sua elaboração contou com os relatos de diferentes grupos, algo que certamente foi possível graças ao ambiente heterogêneo e imbricado da corte siciliana de Rogério II, e também pela possibilidade do contato direto com outros povos. Os viajantes que atenderam ao apelo de Al-Idrisi enriqueceram a obra com seu olhar sobre o mundo, portanto o trabalho de Al-Idrisi é plural, não apenas por citar muitos lugares, mas por falar por diferentes vozes e visões de mundo.

O discurso de Al-Idrisi também extrapola tais limites quando pensamos na sua recepção e na sua circulação. Ainda que a Sicília que ele conheceu mudasse drasticamente cem anos após a publicação de *Nuzhat*, o conhecimento que ela trouxe não foi renegado pelo mundo cristão europeu, tendo a mesma sido apropriada, relida, adaptada, mas fundamentalmente ter sido um marco no ato de pensar e representar a cartografia medieval e também moderna. Uma obra escrita por um muçulmano, em árabe, num contexto diferente e inadequado a uma Europa cada vez mais preocupada em perseguir e suplantar o islã denota a universalidade que a mesma arraigou, algo que expressa também como o projeto transcultural de Rogério II permitiu que, não só as culturas latina, bizantina, normanda e islâmica se combinassem e se enriquecessem mutuamente, mas que as mesmas fossem reconhecidas como válidas independente do contexto religioso, político e cultural ao qual fossem apreendidas. Tal é essa percepção

de uma cultura que rompe com essa delimitação de sua ação e propriedade, é a que vemos no apreço que Frederico II, o mesmo que expulsa judeus e muçulmanos da Sicília, tinha pela erudição islâmica (ABULAFIA, 1988: 12-13).

Muitas questões ainda estão para ser levantadas a respeito da importância da obra de Al-Idrisi. Notadamente, o seu estudo ainda é recente. Do códice sobrevivente, os mapas foram publicados, na edição de Konrad Miller entre 1926 a 1931, e pela Academia de Bagdá em 1951, edições estas que visaram reconstruir mapas apresentados nos manuscritos existentes. A tradução para o francês de 1836 certamente foi a primeira a apresentar o códice por completo e foi feita por Pierre Amédée Jaubert, mas ficou por um tempo carente de problematização, visto sua tradução apresentar problemas que acabaram deturpando o trabalho do autor (JWAIDEH, 2015: s/p). Outras edições de boa qualidade sobre a *Nuzhat* começaram a surgir a partir da década de 70, sendo dignas de menção, a edição crítica em árabe organizada por Enrico Cerulli, publicada em nove volumes entre 1970 e 1984, num trabalho conjunto com pesquisadores italianos e especialistas internacionais (TOLMACHEVA, 2006: 381); e em 1999, a reedição e expansão da tradução francesa de Jaubert pelos pesquisadores Henri Bresc e Annliese Nef, permitindo uma renovação crítica deste trabalho (METCALFE, 2009: 67).

Assim, uma análise aprofundada da representação do mundo medieval na tábula rogeriana permitiria compreender os elementos que compuseram a dinâmica intercultural da Sicília Normanda de Rogério II. Certamente, Al-Idrisi ao descrever os limites conhecidos de sua época, se utiliza de um vocabulário e de um pensamento construído sobre a realidade em que vivia, estes oriundos de sua experiência pessoal e outros ressignificados dos relatos que reuniu. De toda forma, sua importância não pode ser negada, seja pela riqueza e complexidade de seu trabalho, seja pelo marco que representou na ciência cartográfica medieval.

V. Referências Bibliográficas

Figuras:

Figura 1 – Sicilia. Disponível em: <http://www.visitsicily.info/> Acessado em: 23 Abril 2016.

Figura 2 – TRABIA, C. Norman, Arab, Bizantine. Disponível em: <http://www.bestofsicily.com/mag/art164.htm> Acessado em: 23 Abril 2016.

Figura 3 – AL-IDRISI. Disponível em: http://cartographic-images.net/Cartographic_Images/219_al-Idrisi.html Acessado em: 23 Abril 2016.

Bibliografia:

ABULAFIA, D. **Frederick II: A medieval emperor.** London: Oxford University Press, 1988.

AL-IDRISI. Disponível em: http://cartographic-images.net/Cartographic_Images/219_al-Idrisi.html Acessado em 24 Abril 2016.

BRENTJES, S. IDRISI, AL. In: THOMAS F. et al (org.). **Medieval Science, Technology, and Medicine: An Encyclopedia.** New York and Abingdom: Routledge, 2004.

DAVIS-SECORD, S. **Sicily and the medieval Mediterranean: Communication networks and inter-regional exchange.** Indiana: University of Notre Dame, 2007. 239f. Dissertação (Doutorado em Filosofia) – Graduate School of the University of Notre Dame, Indiana, 2007.

DE LIBERTO, R. Norman Palermo: Architecture between the 11th and 12th Century. In: NEF, A. (ed.). **A Companion to Medieval Palermo: The History of a Mediterranean City from 600 to 1500.** Tradução de Martin Thom. Boston: Leiden, 2013. p. 139-194.

DUCÈNE, J. France in the Two Geographical Works of Al-Idrisi (Sicily, Twelfth Century). Tradução de Robert Bork. In: COHEN, M. e FANNY, M. (ed.). **Space in the Medieval West: Places, Territories, and Imagined Geographies.** Oxon: Routledge, 2014. p. 175-198.

GEARON, E. **The Sahara: A Cultural History.** New York: Oxford, 2011.

HOGEN, H. **Roger II of Sicily: A Ruler between East and West.** Tradução de Graham A. Loud e Diane Milburn. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

JWAIDER, W. **Ash-Sharīf Al-Idrīsī.** Disponível em: <http://academic-eb-britannica.ez29.periodicos.capes.gov.br/EBchecked/topic/282089/ash-Sharif-al-Idrisi> Acessado em: 24 Abril 2016.

KLIEGER, P. **The Microstates of Europe: Designer Nations in a Post-Modern World.** London: Lexington Books, 2012.

LEVTZION, N. Arab Geographers, the Nile, and the History of Bilad al-Sudan. In: GERSHONI, I. e ERLICH, H. (ed.). **The Nile: Histories, Cultures, Myths.** London: Lynne Rienner, 2000. p. 71-78.

MALLETTE, K. **The Kingdom of Sicily, 1100-1250: A Literary History.** Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 2005.

METCALFE, A. **Muslims and Christians in Norman Sicily: Arabic-Speakers and the End of Islam.** New York: Routledge, 2013.

_____. **Muslims of Medieval Italy.** Edinburg: Edinburg University, 2009.

- NEF, A. Islamic Palermo and the dār al-islām: Politics, Society and the Economy (from the mid-9th to the mid-11th Century). In: NEF, A. (ed.). **A Companion to Medieval Palermo: The History of a Mediterranean City from 600 to 1500**. Tradução de Martin Thom. Boston: Leiden, 2013. p. 39-60.
- PEZZINI, E. Palermo in the 12th Century: Transformations in forma urbis. In: NEF, A. (ed.). **A Companion to Medieval Palermo: The History of a Mediterranean City from 600 to 1500**. Tradução de Martin Thom. Boston: Leiden, 2013. p. 195-234.
- PINTO, K. Cartography. In: MERI, J. (ed.). **Medieval Islamic Civilization: an encyclopedia**. Volume 1. A-K, Index. London/New York: Routledge, 2006. p.138-140.
- TOLMACHEVA, M. Geography. In: MERI, J. (ed.). **Medieval Islamic Civilization: an encyclopedia**. Volume 1. A-K, Index. London/New York: Routledge, 2006. p.284-288.
- _____. Idrisi. In: MERI, J. (ed.). **Medieval Islamic Civilization: an encyclopedia**. Volume 1. A-K, Index. London/New York: Routledge, 2006. p. 379-381.

¹ “O Nobre Al-Idrisi”.

² Originalmente esta obra era composta de um planisfério de prata em que estava representado o mapa do mundo (como um globo terrestre); um mapa mundial com 70 seções, oriundas de sete zonas climáticas de mesma largura, paralelas a linha do Equador e de dez linhas longitudinais também de igual largura; e um texto geográfico para compreender o planisfério. Atualmente temos um códice mais completo na biblioteca de Köprülü em Istambul, datado de 1469, com um mapa mundial e setenta mapas regionais.

³ Existem inúmeros elementos combinados nas descrições e nos mapas de Al-Idrisi, algumas delas são as divisões em sete zonas climáticas (oriundo da cultura grega); a longitude do mundo repartida em dez seções de Ocidente a Oriente (oriundo da cultura árabe), e informações obtidas de navegantes normandos.

⁴ O espaço islâmico, isto é, região onde o islã prevalecia. Usado em oposição às regiões que não estavam sob domínio do Islã, o *dar al-gharb*.

⁵ O equivalente a dois quilômetros por milha.